

no café e achei que éramos aborrecidamente convencionais: todos brancos, com uma família portuguesa normalíssima, sem nenhuma megadesgraça e nenhum brilho especial; não temos nenhum amigo africano, nem transexual, somos chatos de tão normais. Nessa altura entraram uns ucranianos no café e decidimos incluir no nosso grupo alguém que viesse de fora. Precisávamos de gente que nos trouxesse experiências diferentes e nos obrigasse a pensar e a ver as coisas de outra forma. Na altura pensei: precisamos destes ucranianos até ao tutano. É urgente sabermos quem são, de onde vêm e se gostam de aqui estar. Então atirei-me violentamente a eles.

Quem são eles?

Trabalham em Vila do Conde nas obras ou fazem limpezas. Muitos têm cursos superiores. Foi uma excelente conquista ter aquelas pessoas como amigas. Quando um deles finalmente me conseguiu explicar a expressão Grande Fome da Ucrânia - não conseguia formulá-la assim, dizia que era "muita fome ucraniana" -, fui pesquisar e percebi que todo o século XX da Ucrânia é atravessado por um enfraquecimento psicológico e físico das pessoas, que tem que ver com o facto de terem morrido milhões à fome e poucos anos depois na Segunda Guerra Mundial morreram ainda mais. Diziam-me que um ucraniano quando foge de alguma coisa foge da fome, mesmo que coma. Porque o medo de voltar a passar fome é uma coisa das novas gerações ainda. É impressionante.

Tentei fazer alguns paralelos e não temos nada assim. Poderíamos sentir a necessidade da liberdade porque alcançamo-la apenas em 1974. Mas as novas gerações estão a leste do 25 de Abril. Foram essas coisas que me convenceram que precisava de ter uma personagem ucraniana no livro e de combater a nossa pequena xenofobia de estarmos todos os dias sentados com as mesmas pessoas e não nos disponibilizávamos a um esforço mínimo de chegar ao espaço do outro.

Não foi por acaso que escolheu Bragança para local da acção do livro...

É o interior do interior. Bragança está estigmatizada com alguns preconceitos: as mães de Bragança, a ideia de que o Norte do país é profundamente católico e castrador. Quis desmistificar essa imagem. Ao pudor que temos a tendência de pensar que existe naquela cidade corresponde o despudor. Sem um, o outro não se tinha manifestado.

Eles têm uma abertura à diferença porque estão ao lado da Espanha. Nem que essa diferença seja só o lavrador espanhol. Mas é diferente, já fala de outra maneira, já diz outras coisas e viu outro programa de televisão à noite. É muito enganador julgar que aquela gente do interior não é de alguma forma cosmopolita. Em termos de consciência encontro uma abertura que não encontro em muitos sítios.

O seu percurso é singular: publicou vários livros de poesia, está traduzido no estrangeiro. Durante anos fugiu da prosa mas foi através dela que encontrou o seu lugar na nova geração de escritores portugueses.

Há quem não goste nada da minha poesia. A prosa veio ao meu encontro, eu não estava à procura. Era tão reaccionário que quando fiz a pós-graduação com o professor Luís Adriano Carlos eu dizia nas aulas: "Abaixo a prosa! Os prosadores são todos uns chatos. Contar histórias? As histórias estão todas na Bíblia. A mim interessa-me é o trabalho da linguagem, a força das expressões, a poesia e os poetas é que são."

Por causa dessa pós-graduação, que devia ter sido um mestrado, tranquei-me em casa e estive dias a vegetar em frente ao computador.

"A dada altura percebi que as minúsculas ligam o texto, aceleram-no, precipitam o leitor. As vírgulas ficam menos virguladas e os pontos menos pontuados. Então as pausas tendem a ser mais breves. Há uma aceleração que se junta a uma certa urgência da história. O leitor fica sem travões"

Ao fim de dois dias, um domingo, completamente moído do cérebro, prestes a entrar numa depressão e a telefonar ao professor a dizer "não vou fazer mestrado, não consigo escrever uma linha sobre isto estou sem cabeça", vi subitamente no ecrã do computador um documento que dizia "era o homem". Abri e tinha uma única frase: "era o homem mais triste do mundo." [Primeira frase do seu primeiro romance: "era o homem mais triste do mundo, como numa lenda, diziam dele as pessoas da terra, impressionadas com a sua expressão e com o modo como partia as pedras na cabeça e abria bichos com os dentes tão caninos da fome."] Não sei se foi a ligação mágica ao que eu estava a sentir, a minha vida ali parada, prosseguiu aquela frase até às 52 páginas escritas. Fui levado pela mão por aquele texto. Acabei "o nosso reino" e fiquei tão obcecado que imediatamente comeci a escrever "o remorso de baltazar serapião".

Como chegou depois este manuscrito à sua editora, Maria do Rosário Pedreira?

Fiquei indefeso perante aquilo. Não conseguia discernir, não sabia o que aquilo era. Tinha conhecido o editor João Rodrigues que na altura estava na Ambar e gostei tanto dele que queria que ele editasse o meu livro. Mas não tinha lata de lhe aparecer assim a pedir para me editar o livro. Escrevi então uma carta à Maria do Rosário Pedreira, minha amiga, a explicar-lhe que embora quisesse que ela lesse, o romance era para ele. Precisava de ter a certeza de que não estaria a incomodá-lo se lhe mandasse o livro.

Ela recebeu o livro numa sexta, vim a Lisboa na terça ver a Adriana Calcanhoto, ela disse que queria jantar comigo e disse-me: "Já li o teu romance e o romance é meu." Como assim?, perguntei. "Não vou dar este romance a ninguém. Desculpa, podes adorar o João Rodrigues, o que quiseres, mas este romance é meu!"

Garantidamente foi um dos dias mais felizes da minha vida. Entrei numa dimensão da qual não quero sair. A hipótese de fantasiar ainda mais a minha vida foi-me permitida pela prosa.

Ver crítica de livros págs. 37 e segs.

E Antony já foi personagem de valter hugo mãe

Ou de como valter hugo mãe descobriu uma aparição, Antony, e a seguir apareceu ele próprio a Devendra Banhart.

Antony é personagem de "o nosso reino", o primeiro romance de valter hugo mãe (ed. Temas e Debates, 2004). É o senhor hegarty "passando pelas terras como prova de algo maior. Um descanso para os temerosos do fim da vida. uma esperança nas coisas do lado de lá."

O escritor e o músico são amigos ("dentro do que uma amizade à distância pode ser"). "Gostamos muito um do outro", diz valter hugo mãe que é, desde sempre, fã da banda Current 93, criada nos anos 80 pelo poeta britânico, pintor e produtor David Tibet. "Descobri o Antony por causa dele", conta. Tibet editou o primeiro disco de Antony na sua editora, a Durto. "Um dia o David enviou-me um e-mail a dizer que tinha descoberto a voz mais impressionante à face da terra. Estava a falar do Antony."

Quando valter hugo mãe publicou "a cobrição das filhas" (2001, nas Quasi Edições, de que era responsável juntamente com Jorge Reis-Sá), ganhou coragem e escreveu a Tibet uma carta a pedir-lhe uma imagem para a capa do seu livro de poemas. A capa desse livro acabou por ser feita com a imagem de uma pintura de David Tibet. "Uma daquelas coisas que não tem expressão para mais ninguém a não ser para mim. Foi uma viragem na minha auto-estima. David falou-me do disco do Antony nessa altura ["Antony and the Johnsons"] e fui uma das primeiras pessoas a recebê-lo quando saiu."

Quando Antony veio a Portugal fazer a primeira parte do concerto dos Current 93, valter hugo mãe era dos poucos que conheciam a sua música. "Obviamente" que foi "babar para cima dele" e "pedir autógrafos" e "conversar com ele". Mais tarde Antony voltou a Portugal, a Coimbra, com Lou Reed. valter almoçou com ele, passou a tarde com ele e com Lou Reed e subiu ao palco com Antony: uma "aparição absolutamente assustadora"

O escritor e o músico são amigos ("dentro do que uma amizade à distância pode ser"). "Gostamos muito um do outro"

que nunca mais vai esquecer. E ficaram amigos.

Naquele tempo o disco de Antony estava esgotado, a Durto não tinha dinheiro para o reeditar, tinham saído apenas três mil exemplares. O músico perguntou ao escritor se não estaria interessado em reeditar o seu disco com a marca das Quasi - nem que fossem só mil exemplares. "Pus mais ou menos os pés ao caminho, pensei melhor e disse-lhe que lhe editaríamos o seu novo disco", conta valter. "Está bem", respondeu Antony, "vamos falando e em vez do meu novo disco sair numa editora convencional sai numa editora em Portugal chamada Quasi".

"O disco do Antony que depois ganhou um Mercury ["I am a bird now"]", conta valter hugo mãe entre risos, "um dia era para sair nas Quasi. Hoje isto é completamente disparatado." valter sempre disse a Antony que este um dia seria uma estrela. Antony não acreditava. "Pagava-lhe o almoço e o jantar, ele não tinha dinheiro nenhum. Andava a lutar há tantos anos e achava que não ser possível. Eu achava que o que não era possível era as pessoas não perceberem a voz daquele homem. Será que estão vãos surdos?"

Um dia, num café, valter falou a Antony da sua última paixão musical, Devendra Banhart. Antony não conhecia. Foi ouvir e depois convidou Devendra para participar no seu disco, ficaram amigos, através dele chegou às CocosRosie.

Quando Devendra veio tocar a Santa Maria da Feira - experiência que deu origem a uma canção, "Santa Maria de Feira" ("Comiendo pera en Santa Maria de la Feira"), do álbum "Cripple Crow" - Antony tinha-lhe dito para tratar bem um amigo português que no final ia ter com ele ao camarim. "Devia estar com uma cara de parvo muito grande, porque mal me avistou Devendra percebeu logo e perguntou-me se eu era o amigo do Antony." "Sou eu o cromó", respondeu valter hugo mãe. I.C.

Antony

